

JARDINS FRANCESES E INGLESES DO SÉCULO XVIII: A QUESTÃO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO X ESPAÇO NÃO CONSTRUÍDO

BELTRAME, Ana Rosa.¹
GROSSELI, Sirlei.²
PARIS, Barbara Carolina.³
ROPELATTO, Amabyle Roberta.⁴
SIMONI, Tainã Lopes⁵

RESUMO

O assunto abordado é a arquitetura e urbanismo associada ao sentido da arquitetura. A pesquisa teórica originou-se a partir da indagação: - Qual a relação dos Jardins Ingleses e Franceses do século XVIII, com o espaço construído e espaço não construído? Parte-se da hipótese inicial, de uma suposição de que o espaço construído não seja apenas o espaço fechado com paredes, mas todo e qualquer espaço. Com o objetivo de analisar as características dos jardins Ingleses e Franceses do século XVIII, com o conceito de espaço construído e não construído, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, analisado e comparado os jardins, em específico duas obras de dois grandes mestres desses estilos, com o sentido da arquitetura, podendo-se perceber que o espaço construído é basicamente um espaço que pode ser ocupado, podendo esse espaço ser trabalhado, organizado ou mesmo criado. Compreendendo dessa forma jardim como espaço construído.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagismo, Jardim Frances, Jardim Inglês, Sentido da arquitetura, Espaço Construído x Espaço Não Construído.

1. INTRODUÇÃO

O foco do presente trabalho é comparar as características dos jardins franceses e ingleses do século XVIII, em específico de duas obras; o jardim do Palácio de Versalhes do pintor, arquiteto e urbanista André Le Nôtre e o Parque Rousham, do pintor e arquiteto William Kent, relacionando os estilos dos dois jardins e as obras com a questão do espaço construído e não construído.

O problema instigador da pesquisa foi formulado pelo seguinte questionamento: Qual a relação dos Jardins Franceses e Ingleses do século XVIII, com o espaço construído e espaço não construído? Partiu-se da hipótese inicial, de uma suposição de que o espaço construído não seja apenas os espaços fechados com paredes, mas todo e qualquer espaço organizado, trabalhado ou mesmo criado.

O objetivo geral do trabalho é a comparação das características dos jardins franceses e ingleses do século XVIII relacionando-os com a questão do espaço construído e não construído. Os específicos foram: desenvolver pesquisa de referencial teórico relacionados à história dos jardins, pesquisar o conceito de jardim Frances e de jardim Inglês, desenvolver pesquisa sobre o sentido da

¹ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: ana.belt@hotmail.com

² Economista. Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: si_loeblein@hotmail.com

³ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: barbaracarolinaparis@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: mropeatto@hotmail.com

⁵ Professor orientador da presente pesquisa. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

arquitetura em relação ao espaço construído e não construído e analisar e relacionar esses jardins com o espaço construído e espaço não construído.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir do momento em que o homem abandonou a vida de nômade e passou a se fixar em lugares, começou a sentir a necessidade de cultivar, próximo a suas instalações, plantas que ajudassem em sua sobrevivência e bem-estar. Acredita-se que nessa interferência da natureza, além de suprir suas necessidades, havia o resgate da natureza, que seria um dos motivos para a criação dos jardins (LIRA FILHO *et al*, 2001).

O termo jardim se originou a partir do hebraico "gan-eden", onde "gan" tem significado de lugar protegido, e "eden" onde se desfruta de prazer, satisfação e encanto (LIRA FILHO, 2001).

A definição de jardim, conforme Oliveira Filho (1990) pode-se dar como um terreno onde se cultiva plantas ornamentais ou uteis e destinado ao lazer e descanso. Ou, ainda, conforme Biondi (1990) é a reunião de elementos vivos e inertes arranjados com base técnica e estética com a finalidade de ornamentar e tornar o ambiente agradável ao homem. Para Zevi (1996) o jardim pode ser considerado espaço construído, sendo a sociedade humana sua responsável direta. Waterman (2010 p.178), complementa dizendo que "Os jardins são a unidade básica de ocupação humana na paisagem, e podem ser vistos como microcosmos da paisagem menor." Conforme Hurt (s.d, *apud* WATERMAN, 2010, p. 178) "Os jardins focam a arte de construir lugares ou a arquitetura paisagística da mesma forma que a poesia consegue focar a arte de escrever."

Por conseguinte, considera-se que os primeiros jardins foram criados pelos chineses, há milhares de anos antes da Era Cristã, no qual, acredita-se que eles agrupavam plantas no intuito de imitar a natureza, criando assim, um princípio de estilo⁶ de jardim (LIRA FILHO *et al*, 2001).

No decorrer da História, o jardim, que surgiu com as primeiras civilizações, sofreu muitas mudanças em relação a sua função e estética, motivadas por pensamentos de culturas distintas, mas manteve como componentes plantas, água e edificações. Essas transformações e evoluções estão ligadas ao desenvolvimento da própria civilização (VIANA, 2010).

⁶ "No paisagismo, os estilos se referem à forma de se fazer os jardins, com diretrizes específicas no seu aspecto material, técnico e estético, diretrizes estas a que se referem um determinado local, povo e época" (LIRA FILHO, 2001 p.65).

2.1 JARDINS DA ANTIGUIDADE

A Antiguidade clássica se prolongou até os primeiros séculos da Era Cristã, com vários tipos de povos, que estavam focados em se adaptar e sobreviver, dessa forma, muitas vezes suas paisagens estavam condenadas a uma simples disposição de elementos, para simplesmente cumprir a necessidade do corpo ou mesmo do espírito. Seu conjunto era sempre fracionado, fechado para o exterior, com função submetida ou mesmo extinguida o aspecto estético (LIRA FILHO *et al*, 2001).

Os jardins que se destacaram nesse período foram; os jardins egípcios, os jardins suspensos da Babilônia, os jardins gregos, os jardins da persa e dos romanos. Os jardins do antigo Egito são os mais antigos, construídos por volta de 2000 a.C., eles eram construídos juntos aos templos e residências, com grandes espaços planos que acompanhavam a topografia das regiões situadas às margens do rio Nilo. Se caracterizavam com um traçado de linhas retas e formas geométricas em perfeita simetria, possuíam nesse espaço árvores frutíferas, ervas e fontes d'água, conforme figura 1 (VIANA, 2010).

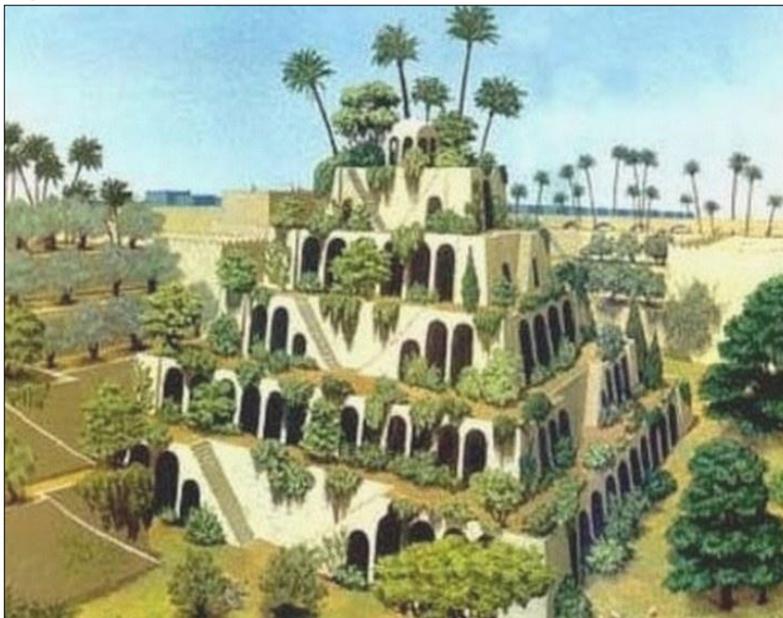
Figura 1 - Tebas - Egito



Fonte: BEGEMOTYA, 2011

Já os jardins suspensos, construídos por volta de 800 a.C. pelo Rei Nabucodonosor II, foram dedicados a sua esposa que sentia saudades de sua terra natal. Os jardins eram compostos de uma sequência de terraços com diversas espécies de árvores, e outras plantas de menor porte. Os jardins da Babilônia representavam o poder babilônico, no qual não eram admirados pela sua beleza propriamente dita, mas pela força que esta torre representava, figura 2 (PAIVA, 2004).

Figura 2 - Jardins da Babilônia.



Fonte: DISCOVERY, (s.d).

Os jardins da Grécia antiga receberam forte influência dos egípcios, mas faziam sua aplicação de forma diferenciada devido ao seu solo e clima. Fechado entre os alinhamentos das casas, os jardins gregos chamavam a atenção por sua simplicidade. Concebidos com certa despreocupação, revelavam maior semelhança com as formas naturais, graças à presença de elevações e declives no terreno e a resistência a utilização de linhas simétricas (LIRA FILHO *et al*, 2001).

Figura 3 - Ágora de Atenas.



Fonte: DUVAUX, (2011).

Os jardins persas, datados desde 3500 a.C., eram caracterizados pela harmonia em suas plantações, espaçamento de árvores e o prazer de aromas refinados. Neles eram cultivadas plantas

frutíferas, ornamentais e aromáticas. O estilo do jardim era rigorosamente formal, conforme figura 4, e em sua implantação, verificava-se sua separação por dois canais principais, dividindo o jardim em quatro regiões, que representavam as quatro moradas do universo: terra, fogo, água e ar. Ao centro, havia tanques com fontes, mas sem uso de estátuas pois o islamismo não permitia (PAIVA, 2004).

Figura 4 - Império Persa.



Fonte: IRÃ NEWS, (2015).

Segundo Viana (2010), em Roma o estilo de jardim conhecido como um lugar fechado, destinado ao cultivo de legumes, ervas, frutas e algumas flores, existia a muito tempo, mas os jardins de recreação, só começaram aparecer no final do século II a.C., por influência dos gregos. Seus jardins eram metódicos e ordenados e tinha como principal característica a interpenetração casa-jardim, no conjunto predominava o aspecto arquitetural, figura 5.

Figura 5 - Foro de Roma.



Fonte: THINKSTOCK, (2013).

2.2 JARDINS MEDIEVAIS

Os jardins medievais do século XIII à XV, foram formado em um período de guerras, distúrbios e pragas, em que população se isolou. Assim sendo, as vilas eram constituídas de muitas casas sem espaço recreativo e os jardins foram reduzidos a espaços fechados em mosteiros e castelos, conforme figura 6, onde se cultivavam plantas utilitárias (LIRA FILHO *et al*, 2001).

Figura 6 - Claustro em Mont Saint Michel, Normandia, França.



Fonte: GUIAS TRAVEL, (s.d.).

A cultura pagã dos persas, egípcios, entre outros foi renegada nesse período, aboliu-se também o luxo da tradição romana, mas seus princípios básicos foram mantidos. Em geral, o jardim era dividido em quatro partes: o pomar, a horta, o jardim de plantas medicinais e o jardim das flores. Já no final da Idade Média, os jardins monacais e os jardins-pomares, cultivados fora da muralha dos castelos, começaram a apresentar traçados mais complexos e ricos em elementos. Essas transformações foram o prenúncio do chamado jardim italiano, com o renascimento da arte e da técnica (VIANA, 2010).

2.3 JARDINS RENASCENTISTAS

O século XV, na Europa, marcou o início do Renascimento – um movimento de renovação no campo das artes, das ciências, da literatura e da filosofia, ocorreram renovações também nos jardins, em destaque nos países da Itália, França e Inglaterra (VIANA, 2010).

Nessa época os jardins formais se tornaram espaços voltados mais para o lazer do que para utilidade, e grande esforço e habilidade foram aplicados para sua criação, esses jardins faziam parte

integrante da edificação, dessa forma manifestavam um caráter de ostentação, voltando seu uso mais para o social do que privado (WATERMAN, 2010).

Por influência do pensamento antigo, na Itália, voltou-se a procura de lugares que ofereciam uma vista panorâmica, para que nesses terrenos naturalmente acidentados, o arquiteto italiano aproveita-se as diferenças de níveis e a elas adapta-se seu cenário. Os jardins desse período retomaram os elementos decorativos dos jardins romanos: estátuas em profusão, muitas fontes, traçados lineares e árvores e arbustos “esculpidos” (VIANA, 2010).

2.3.1. Jardins Franceses.

Segundo Calovi (2009), o jardim Frances surgiu na França na metade do século XVII, originado dos jardins italianos do século XVI influenciado pelos arquitetos Italianos que trabalhavam na corte francesa.

No início, esse estilo teve intervenção da simplicidade dos jardins medievais, mas os jardins tiveram novos pensamentos, na segunda metade do século XVII, de modo que o estilo italiano foi aperfeiçoado, implantando os jardins em área pouco irregular, ou mesmo fazendo nivelamento no local através de aterros, o rompimento com o estilo italiano, também ocorreu pela introdução de estátuas de mármore nas fontes, e edificação de pequenos pavilhões e grutas (PIRES, 2008).

Segundo Ceará (s.d), algumas das características do estilo Frances são; sua rígida distribuição em forma de eixo, a simetria, a perspectiva, o uso de topiarias e a sensação de grandiosidade. Mas também conforme Luz (2000), pode-se dizer que:

A escola francesa teve um caráter ordenador e disciplinar, cujos princípios básicos eram dominar a natureza a qualquer custo, com seus traçados geométricos axiais e regulares, moldando a paisagem. Os espaços nos jardins eram representados pela geometria. Canteiros, lagos, espelhos d'água e até a vegetação eram tratados como figuras geométricas. O uso da perspectiva acentuava a visão espacial, buscando a horizontalidade. Os jardins não possuíam uma autonomia, prevalecendo a ideia de composição unitária, isto é, as edificações inter-relacionadas com os jardins e os recantos subordinados ao todo (LUZ, 2000 p. 85).

O destaque desse estilo foi o arquiteto e urbanista e também pintor francês André Le Nôtre, nascido em uma família de jardineiros, que aprendeu na prática, métodos de projeto de jardins, plantas e canteiros. Seu primeiro grande jardim é uma obra prima e um dos objetos de estudo desse trabalho, os jardins do Palácio de Versalhes, com perfeição na geometria, perspectivas e vistas (WATERMAN, 2010).

2.3.1.1. Os jardins do Palácio de Versalhes - André Le Nôtre.

Os jardins de Versalhes foram criados por Luis XIV, especialmente para sua esposa, que aspirava em ter a maior casa e jardim do mundo, com área de 732 ha, possui plantas de todos os lados do mundo. Antes de ser um jardim, Versalhes foi um imenso brejo onde os ancestrais de Luís XIV caçavam (PIRES, 2008.)

Versalhes foi realizado por escultores, jardineiros, engenheiros, e arquitetos, que estavam sob o comando de André Le Nôtre, que era aderente a lógica, a clareza e ao equilíbrio, que além de ter traço equilibrado, fez questão de valorizar o uso de perspectiva para se obter noção da magnitude do jardim (PIRES, 2008.)

O jardim segundo Viana 2010, é orientado pelo passeio central, que em cada lado desse eixo está disposto simetricamente canteiros e pequenos bosques, conforme figura 7. Reproduzindo a arquitetura do palácio com esculturas, tapetes de relva e "salas" verdejantes. Ademais segundo Pires 2008:

Le Nôtre aproveitou o desnível para aumentar a visão dos terraços, escadarias e delicados bordados. Com a ajuda de maciços de árvores, colocadas lateralmente, a vista era conduzida por planos em diferentes níveis onde abundavam fontes monumentais, com artísticas esculturas e alamedas, com uma profusão de jarrões, vasos de bronze e estátuas. [...] Assim como o povo, orgulhoso de sua cultura e origem, os franceses não economizaram em seus jardins. Impuseram sua vontade até mesmo às formas da natureza: nivelando todo o terreno, para criar espaços perfeitamente planos, a fim de adaptá-las ao plano previamente traçado. Com formas ordenadas e simétricas, utilizaram-se de recursos óticos e efeitos de perspectiva, criando verdadeiros cenários barrocos (PIRES, 2008 p.43).

Figura 7 - Passeio central jardim de Versalhes.



Fonte: BACQUART, (s.d).

Versalhes como um conjunto, embora apresente uma simetria e ordem possui contrastes que interrompem a mesmice das linhas retas, apresentadas no jardim. Le Nôtre, fez constante uso das cercas vivas, aparadas ao estilo da época, para determinar uma demarcação entre os canteiros e bosques, ao lado dessas cercas vivas tem como destaque o mármore branco das estátuas, e sobressaindo-se, no conjunto, os canteiros, as fontes e os tapetes de relva, conforme figura 8 (VIANA, 2010).

Figura 8 - Jardim do Palacio de Versalhes.



Fonte: BARTOLAMEI, (2014).

O destaque desse jardins é a intenção de dispor a paisagem natural semelhante aos espaços públicos urbanos. De forma que, massas verdes, gramados, espelhos d'água e caminhos pavimentados são utilizados como substâncias para construir um local de experiências visuais (CALOVI, 2009).

2.3.2. Jardim Inglês.

A Inglaterra influenciada pela França utilizou de muitas construções de jardins geométricos, mas foi a partir de 1700, início do século XVIII, de acordo com Viana (2010), escritores franceses e ingleses deram início ao movimento do romantismo, oposto ao estilo barroco dos jardins. Estavam cansados da abundância de simetria e ordem existente nos jardins, propondo assim o jardim

paisagístico⁷, influenciado pelo conceito oriental do império chinês, que buscava reproduzir a natureza com traçado curvo e livre, e apresentar a água correndo livremente ou contida em tanques de contorno irregular. Apesar desse estilo de jardim apresentar aparência natural, assim como o Frances ele era constituído de organização arquitetônica da paisagem com intervenções e transformações do ambiente natural (RIBEIRO, 2014).

A escola inglesa oposta à escola francesa, expressa um favoritismo à uma expressão e um caráter totalmente novo e liberal, com o princípio de aproximar o homem da natureza, respeitando suas formas e procurando imitá-las, apresentava dessa forma segundo Pires (2008);

Como características básicas estavam a irregularidade e falta de simetria nos caminhos, planejados com maior liberdade de expressão, sendo denominados de jardins paisagísticos. Tal concepção de retorno à paisagem natural chegou a extremos de usar ruínas, rochedos, regatos sinuosos, além de outras reproduções da natureza. De linhas grandiosas, as ruas eram amplas, cômodas e em pequeno número, proporcionando a visão de belas perspectivas, devido à topografia do terreno acidentado. A vegetação era formada por extensos gramados que serviam para fazer a ligação entre pequenos bosques, plantas isoladas e grupos de árvores não muito numerosas. Usavam-se até mesmo árvores mortas, implantadas para decoração. Através dos jardins, os ingleses expressaram o gosto pelo natural, com riachos sinuosos e flores delicadas. O povo inglês típico é fechado, circunspecto e considerado frio. Suas cidades são cinza durante muitos dias por ano, mas seus jardins são graciosos, alegres e leves. Esta dualidade talvez seja uma tentativa de compensação de sua forma característica de expressão. (PIRES, 2008 p. 39)

Entre os principais mestres do jardim paisagístico está o inglês, arquiteto e pintor William Kent (1684-1748), que declarou que a natureza detesta a linha reta, introduzindo nos jardins ingleses o desenho romântico, em contraste com as formas clássicas dos conjuntos arquitetônicos franceses e italianos que comandavam até então. Como análise desse estudo será utilizado uma das suas principais obras o parque Rousham (VIANA, 2010).

2.3.2.1. Parque Rousham - William Kent.

Considerando o maior projeto de William Kent, o parque Rousham em Oxfordshire caracteriza-se pela composição mais pitoresca que arquitetônica, centrando-se em criar cenários do que espaços coordenados visualmente, conforme figura 9. Segundo Fariello (2008 *apud* CARDOSO, 2012 p. 35) "Rousham foi construída por volta de 1635, mas somente em 1737 Kent foi encarregado de modificar o jardim da propriedade". Além de fazer intervenção na casa, Kent

⁷ "[...] procurava desenvolver no contexto de um traçado irregular uma aparente naturalidade objetivando, sobretudo, construir paisagens belas e sugestivas que se sucedessem em agradáveis ‘quadros pictóricos’ destinados ao olhar " (RIBEIRO, 2014, p.02).

projetou vários espaços ajardinados que se abrem para as pradarias e passeios em circuito com muitas opções para se aproveitar ao máximo do jardim (FARIELLO 2008 *apud* CARDOSO, 2012).

Figura 9 - Jardim Rousham.



Fonte: IsabellaJ, (2013).

Kent criou uma paisagem teatral nesse parque, melhorou a conexão dos espaços principais ao coordenar as vistas mais importantes. Segundo Cardoso (2012, p.36) ele "elaborou eixos que se cortam em um ponto por meio de uma intersecção imaginária nos diversos espaços do jardim, com recantos, arvoredos e gramados extensos, proporcionando ao observador um êxtase frente à natureza recriada", conforme figura 10 e 11

Figura 10 - Canal serpenteado.



Fonte: Christopher Peel, 2015.

Figura 11 - Gramados extensos.



Fonte: Marcken Van Parijs, 2013.

2.4 O SENTIDO NA ARQUITETURA

Para definir ambiente construído é necessário entrar no campo da arquitetura e definir, o que é considerado uma obra arquitetônica. Dessa forma Zevi (1996), afirma que construir no espaço é o objetivo e o fim da arquitetura, e que o espaço é o protagonista da arquitetura. Para ele a arquitetura surge da necessidade do homem de destacar uma quantidade de espaço, fechando-o e protegendo-o, ou seja, delimitar um espaço, sendo esse o objetivo do construir, de onde parte a arquitetura.

Já Perret propunha que a arquitetura é a arte de organizar o espaço, que se exprime através da construção. Complementando a citação de Peret, Coelho Netto (1999) formula que a arquitetura além de organizar é criar espaço, sendo assim, a arquitetura é simplesmente trabalhar sobre o espaço, que pode ou não implicar uma ocupação, mas que não é dependente disso, sendo o espaço o elemento específico da arquitetura.

Sendo esse espaço também conhecido como espaço arquitetônico, e de acordo com Zevi (1996), esse espaço é o vazio dentro do espaço fechado, o espaço interior em que os homens andam e vivem, podendo se prolongar esses espaços pela cidade. Já para Coelho Netto (1999) não existe um conceito efetivo de espaço, não existe um campo único que faça compreender o que seja espaço. Assim, na tentativa de definir o espaço como objeto principal da arquitetura, são estabelecidos sete eixos que ele chama de organizadores do sentido do espaço, sendo um desses eixos o espaço construído e não construído, parte do estudo desse trabalho.

2.5.1 Espaço Construído X Espaço Não Construído

O Espaço Construído X Espaço Não Construído, surge segundo Coelho Netto (1999) do Espaço Privado X Espaço Comum, que possuem seus sentidos determinados pela cultura e época, sendo de responsabilidade do arquiteto e urbanista a pesquisa para o reconhecimento dos sentidos do espaço em um determinado país ou cultura (DIAS, 2008).

O espaço construído é atualmente percebido como o espaço ocupado, lugar onde o espaço é preso e portanto o homem também. A noção de espaço como prisão é oposto do conceito do espaço como abrigo, proteção. Esta noção deriva da diminuição gradativa dos locais de moradia. Assim, conclui-se que espaço construído é aquele que se fecha no seu interior, e espaço não construído aquele que é aberto. O sentido à eles é dado em consideração de dois eixos, o Espaço Interior X

Espaço Exterior⁸ e o Espaço Privado X Espaço Comum, variando através dos momentos históricos. Assim o espaço construído remete ao espaço arquitetônico, ambiente de convivência humana, podendo ser o espaço interior com referencia ao exterior, privado ou comum, aberto ou fechado e natural e artificial (COELHO NETTO, 1999).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho é bibliográfica pois, segundo Marconi e Lakatos (2013) ela é realizada abrangendo toda bibliografia já tornada publica em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, até meio de comunicação orais e audiovisuais, tendo por finalidade colocar o pesquisador em contato com tudo o que já foi escrito. Também considerada de caráter qualitativo, pois busca fornecer análises detalhadas sobre o assunto investigado através da análise e interpretação de dados (MARCONI e LAKATOS, 2011).

Sua classificação se expressa como estudo de caso, que ocorre por um levantamento mais profundo sobre um caso específico, levando em consideração todos os seus aspectos (MARCONI e LAKATOS, 2011).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Conforme citado anteriormente, Zevi (1996) diz que o jardim pode ser considerado espaço construído, sendo a sociedade humana sua responsável, Hurt (s.d, *apud* WATERMAN, 2010,) complementa dizendo que o jardim é a construção de lugares paisagísticos, sendo a unidade básica de ocupação humana na paisagem. Pode-se definir jardim também como um espaço comum, "livre", onde todos podem utilizá-lo, mas que não depende dessa "ocupação" para ser jardim, pois a arquitetura é, conforme Coelho Netto (1999) ordenação e disposição do espaço, ou seja, sendo ou não ocupado o jardim vai continuar sendo espaço construído pois já foi criado, modificado ou mesmo organizado pelas mãos do homem, que faz uso dele.

Construído pelo arquiteto paisagista André Lê Nôtre, o jardim do Palácio de Versailles, representa o estilo francês. O seu espaço construído é organizado a partir do Palácio, na frente do qual encontra-se o passeio central, e em cada lado dos seus eixos, foram dispostos simetricamente canteiros e pequenos bosques, separados por cercas vivas podadas, os bosques possuem divisões em forma de estrelas, e ao longo do jardim há uma riqueza em elementos decorativos. Todo o jardim,

⁸ Entende-se Espaço Interior como o domínio da arquitetura, e o Espaço Exterior como o domínio do urbanismo, mas está errado de forma que não existe um sem o outro, ou seja, os dois são parte integrante de um mesmo elemento (DIAS, 2008).

traz em sua concepção uma natureza artificial, por tentar imitar a natureza. Os passeios geométricos do jardim, são como "prisões" que tem seu espaço aberto, mas que delimita por onde o espectador deve andar.

O Parque Rousham, jardim de estilo Inglês do arquiteto William Kent, tem como seu espaço construído, interior e comum um grande gramado de terreno acidentado, com pequenos passeios desordenados, de onde surgem ruínas, árvores enormes sem podas, água em seu aspecto livre em forma de lago, todo o jardim imita a natureza, com contrastes fazendo referencia a um quadro de pintura. Em certo momento, nesse espaço o homem se sente "preso", mesmo estando em um espaço aberto, pela existência de arvores em seu entorno que o cercam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa discorreu o assunto arquitetura e urbanismo relacionado ao sentido da arquitetura, voltado ao espaço construído e não construído, jardins franceses e ingleses. Diante desse tema, formulou-se a indagação: - Qual a relação dos Jardins Franceses e Ingleses do século XVIII, com o espaço construído e espaço não construído?

E como objetivo, decidiu-se comparar as características dos jardins franceses e ingleses do século XVIII relacionando-as com a questão do espaço construído e não construído. Para que esse objetivo fosse alcançados, foi proposto realizar: pesquisa de referencial teórico relacionado à história dos jardins; pesquisar o conceito de jardim Frances e de jardim Inglês; desenvolver pesquisa sobre o sentido da arquitetura em relação ao espaço construído X espaço não construído; analisar e relacionar os jardins franceses e ingleses com o espaço construído e espaço não construído.

Neste sentido, tem-se considerado atingidos os objetivos específicos e que foram desenvolvidos para atingir o objetivo geral. Esses objetivos foram alcançados por meio de pesquisa bibliográfica sobre a historia dos jardins, o conceito de jardim francês e inglês e o sentido da arquitetura espaço construído e não construído, e então como uma consequência foi realizado uma análise do Jardim do Palacio de Versalhes e do Parque Rousham, de forma a comprovar ou não o problema da pesquisa.

Respondendo ao problema da pesquisa, com base nos referenciais teóricos obtidos e exemplos analisados, constata-se que o jardim é um sim um espaços construídos, pois é simplesmente um espaço ocupado, que pode ser utilizado, sendo o ser humano o seu responsável e criador, podendo trabalhar sobre o espaço, organizando-o ou mesmo criando-o.



O presente trabalho, expõe a questão do que se entende como espaço construído e não construído, que muitas vezes é confundido ou mesmo entendido unicamente como edificação, mas sendo na verdade todo e qualquer espaço que pode, ou foi trabalhado.

Este trabalho serve como referência de metodologia e como informação sobre fontes bibliográficas para novos estudos e aplicações do sentido da arquitetura, espaço construído e não construído, em outras formas de construção ou mesmo manifestação da sociedade. Sendo assim, há uma ampla possibilidade de pesquisa e aplicação do tema.

REFERÊNCIAS

- BACQUART, J. V. (s.d). Château de Versailles p.76-77. SAULE, B; VINHA, M. Versailles: o palácio, os jardins, os trianons, 2014.
- BARTOLAMEI, R. Um dia no Palácio de Versalhes. 2014. Disponível em:
<<http://contandoashoras.com/2014/08/27/um-dia-no-palacio-de-versalhes/>> Acesso em: 20 Out. 2016.
- BEGEMOTYA, 2011. Ciudades perdidas en la historia. Disponível em:
<<http://www.muycurioso.net/articulo/curiosidades/ciudades-perdidas-en-la-historia.html>> Acesso em: 13 Nov. 2016.
- BIONDI, D. **Paisagismo**. Recife: UFRPE, 1990.
- CALOVI, R. **Colunatas Vegetais: Palmeiras e a cenografia urbana em Porto Alegre**. 2009. 241 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.
- CARDOSO, M. G. P. **O jardim como patrimônio: a obra de Burle Marx em Brasília**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília - DF.
- CEARÁ. GOVERNO DO ESTADO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Escola Estadual de Educação Profissional – EEEP: ensino médio integrado à educação profissional. Curso técnico de paisagismo**. Ceará: Secretaria de Educação, Governo do Estado do Paraná. S.D.
- Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional – 2016 ISSN 1980-7406. **Diretrizes para autores – Artigo completo e resumo expandido**. 2016.
- COELHO NETTO, J. T. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CHRISTOPHER PEEL. Rousham Park. 2015. Disponível em: <<http://bluesky6115.blogspot.com.br/2015/09/all-time-favourite-rousham-park.html>> Acesso em: 20 Out. 2016.
- DIAS, S. I. S. **Apostila de Estudos: Teoria Da Arquitetura E Do Urbanismo II** 2008.1. Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz -FAG: Curso de Arquitetura e Urbanismo. Cascavel: 2008.
- DISCOVERY, (s.d). Jardins Suspensos da Babilônia. Disponível em:
<<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2015/03/16/construcoes-e-curiosidades-do-mundo-antigo.htm#fotoNav=6>> Acesso em:13 Nov. 2016.
- DUVAUX, (2011). Disponível em: <<http://traveller.over-blog.com/tag/voyages/>> Acesso em: 13 Nov. 2016.
- GUIAS TRAVEL, (S.D.). Disponível em: <<http://www.viajarparis.com/ciudades-para-visitar-cercanas-a-paris/monte-saint-michel/>> Acesso em: 13 Nov. 2016.
- IRÃ NEWS, (2015). Irã – Classico – Maio 2015 a Fevereiro de 2016. Disponível em:
<<http://www.iranews.com.br/galeriadefotos/ira-classico-maio-2015-a-fevereiro-de-2016/>> Acesso em: 13 Nov. 2016.
- ISABELLA J. Rousham Park. 2013 Disponível em:
<http://www.panoramio.com/user/4519778?with_photo_id=91186741> Acesso em: 20 Out. 2016.
- LIRA FILHO, J. A. de; PAIVA, H. N. de; GONÇALVES, W. (Coord.). **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.
- MARCONI. M. de A.; LAKATOS. E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2013.



Marcken Van Parijs. Rousham Park. 2013. Disponível em: < <https://www.flickr.com/photos/aquagraphics/>> Acesso em: 20 Out. 2016.

OLIVEIRA FILHO, A.T. **Áreas silvestres e paisagismo**. Lavras: ESAL, 1990.

PAIVA, P. D. O. **Paisagismo I – histórico, definições e caracterizações**. 2004. 127 f. Especialização a Distância (Plantas Ornamentais e Paisagismo) - Universidade Federal de Lavras FAEPE - Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão Lavras - MG.

PIRES, L. L. **Paisagismo e plantas ornamentais**. 2008. Disponível em:
<https://issuu.com/alicenas/docs/apostila_paisagismo> Acesso em: 20 Out. 2016.

RIBEIRO, N. P. **A Natureza Reconstruída**: O Sublime Nos Jardins Cariocas do Século XIX. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS. 3., 2014, Belo Horizonte. Disponível em: < <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/trabalho/118/a-natureza-reconstruida-o-sublime-nos-jardins-cariocas-do-seculo-xix>> Acesso em: 20 Out. 2016.

THINKSTOCK, (2013). Disponível em: <<http://viagem.uol.com.br/noticias/ansa/2013/10/29/foruns-imperiais-terao-tecnologias-multimidias.htm>> Acesso em: 13 Nov. 2016.

VIANA, F. A. P. **Paisagismo**. 2010. Companhia dos Cursos - Arquitetura de Interiores - Universidade Cruzeiro do Sul.

WATERMAN, T. **Fundamentos de paisagismo** / Tim Walterman ; tradução técnica de Alexandre Salvaterra. - Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.